

(SER) AFETADO PELO PASSADO: OS HINOS PROTESTANTES

Daniel Ely Silva Barbosa

Educandário Crianças do Brasil

historia1211@yahoo.com.br

Para uma melhor compreensão deste artigo consideramos oportuno iniciar a discussão com o conceito de “contextos de uso” do autor Michel de Certeau. Conceito que põe em questão a relação com a circunstância, uma prática da língua, uma possibilidade de uso, onde na relação de consumo os usuários (locatários) realizam sua produção com base em um *próprio* que não lhes pertence, que lhes é exterior, e ao qual se apropriam (CERTEAU, 2003). Aqui fazemos menção aos hinos protestantes elaborados pelos compositores que construíram sua linguagem de adoração a Deus com base em um símbolo, que lhes antecede, e que os fiéis consideram central para suas crenças: a Bíblia.

Desde a Reforma Protestante a Bíblia tornou-se um signo que é propagado pelas lideranças das igrejas e assimilado pelos fiéis. Em nosso primeiro capítulo abordamos que entre o período de 1500 a 1800 reformadores católicos e protestantes empreenderam um grande esforço em “reformular a cultura popular”, pois objetavam teologicamente contra muitos itens e muitas práticas da “cultura popular” e da “religião popular”. Para os protestantes um ponto crucial era a separação entre o “sagrado e o profano”, desejavam eliminar costumes tradicionais e se relacionar com novos elementos, a exemplo da Bíblia, da doutrina e da cultura dos sermões. Tornar a Bíblia acessível fora um dos grandes acontecimentos da Reforma. Burke chega a considerá-la um acontecimento cultural, e alega que possivelmente o alto índice de alfabetização em países protestantes seria: causa e consequência da Reforma, onde em tais países além do texto escrito muitos a conheciam oralmente (BURKE, 1995).

Na Inglaterra dos Tudor o vernáculo da Bíblia torna-se uma instituição que servirá de base para a autonomia protestante. Período em que seu conhecimento passa a estar à disposição de eruditos e pessoas que tenham um mínimo grau de instrução. Quando surge uma nova cultura no país: a leitura privada. Hill entende que os ingleses do referido período acreditavam efetivamente no conteúdo da Bíblia. Sua leitura passa a

ser uma expressão cultural inclusive para leitores de nível médio: “*havia poetas capazes de arrancar os dentes para conseguir parafrasear os Salmos ou o Cântico dos Cânticos*” (HILL, 2003, 468).

O nacionalismo e a língua vernácula são fortalecidos pela Bíblia em países protestantes. Agora leigos, alfabetizados, pregadores e a sociedade como um todo a utilizam para compreender o mundo em que viviam. Momento em que esta Escritura desempenha um papel fundamental para a vida intelectual e moral inglesa, tornando-se inclusive um suporte para as artes, ciências e literatura. Talvez por este entendimento Hill, fale da Inglaterra no sentido de “*uma cultura bíblica*”.

Na Inglaterra a Bíblia de Genebra, que continha inúmeros comentários e sermões traduzidos – presentes em suas notas explicativas – floresceu entre 1560 e 1603, tendo uma média de noventa edições. Passando a ser contrabandeada a partir de 1616. Não é de admirar que a versão de Genebra permanecesse popular. Passagens em que personagens desobedeciam reis e obedeciam a Deus desagradavam às lideranças políticas inglesas, especialmente pelos comentários contidos em suas notas de rodapé. Hill comenta que apesar deste conteúdo político e social, presente em tais notas, era a mensagem teológica que prevalecia para os redatores e leitores (HILL, 2003).

Dunstan alega que apesar dos vários discursos das ciências naturais e sociais do século XIX muitos protestantes não desejavam realizar qualquer ajustamento a tais opiniões, uma vez que para estes fiéis a Bíblia é “Palavra de Deus”, e, portanto, o “conhecimento verdadeiro” (DUNSTAN, 1964).

No Brasil, desde suas primeiras décadas de existência, os participantes de igrejas evangélicas sempre entenderam a Bíblia enquanto o “fundamento” para compreender sua relação com o mundo e com o sagrado, sendo muito usual nos cultos dominicais matinais o “estudo” da Escritura, tradições herdadas dos EUA e de países protestantes da Europa (MAFRA, 2001).

Assim percebemos que desde a emergência da Reforma Protestante a Bíblia sempre foi (e continua sendo) “o referente” (SIC!) para várias denominações do segmento evangélico, daí a importância desta Escritura no momento de analisarmos os hinos presentes nos hinários protestantes. Também chamamos a atenção do leitor para o fato de que trabalharemos com as canções e as argumentações de teólogos, de autores de um modo geral na perspectiva de um *discurso*, que foi elaborado por este *outro* e que

nós avaliamos, de maneira que quando estivermos fazendo menção a estes *textos* não temos por intenção construir um discurso teológico, antes interpretar estas *falas*. Outra prática que realizaremos será a citação de versículos da Bíblia que os fiéis constantemente associam as suas argumentações, tornando-se todos um só *texto*.

A primeira canção que escolhemos se chama “Crer e Observar”, trata-se do hino número 315 do Hinário Evangélico, que é o hinário da denominação metodista.

Em Jesus confiar, sua lei observar,
Oh! que gozo, que bênção, que paz!
Satisfeito guardar tudo quanto ordenar,
Alegria perene nos traz.

*Crer e observar tudo quanto ordenar;
O fiel obedece ao que Cristo mandar.*

Resolutos, Senhor, e com zelo e fervor,
Os Teus passos queremos seguir;
Teus preceitos guardar, o teu nome exaltar,
Teu querer temos gosto em cumprir.

(GINSBURG, HINÁRIO EVANGÉLICO, 1981, HINO 315)

O referido hino é uma adaptação em português feita por Salomão Luiz Ginsburg. Propositamente optamos por selecionar apenas a primeira estrofe, o coro e a quarta estrofe do hino para nossa análise. Nossa opção por suprimir a segunda e a terceira estrofes fora efetuada por dois motivos: o primeiro, destacar a prática de selecionar determinadas estrofes para serem cantadas, que é comum em algumas igrejas (embora também seja muito usual executarem hinos na íntegra) e o segundo motivo, avaliar a canção em função de eixos temáticos, uma vez que para construção deste artigo selecionamos determinados assuntos que são recorrentes em hinos, cânticos e discursos de um modo geral do segmento evangélico.

Partindo de tais pontos, podemos identificar já na primeira estrofe do hino, nas expressões “*Em Jesus confiar, sua lei observar*” e “*Satisfeito guardar tudo quanto ordenar*”, preocupações em observar/guardar a Escritura enquanto um fundamento. O pastor e jornalista Silas Daniel afirma que apesar de pequenas diferenças no que se diz respeito a usos e costumes, e algumas poucas questões doutrinárias, existem o que denomina de “doutrinas bíblicas fundamentais” que seriam centrais para o segmento evangélico (DANIEL, 2007). O teólogo segue informando quais seriam estes pontos:

“1) A Bíblia como única regra de fé e prática, a inerrante, suficiente e infalível Palavra de Deus. Suas histórias são factuais e não mitológicas, e seus textos devem ser interpretados literalmente, exceto em passagens claramente conotativas. 2) Jesus Cristo é o filho de Deus, Deus feito homem, 100% Deus e 100 % homem, Seu nascimento foi virginal e Seus milagres realmente acontecerem, bem como Sua ressurreição, e Ele voltará para buscar a Sua Igreja e julgar a todos. 3) Deus é um só, subsistindo eternamente em três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo. Ele criou o universo. Seus atributos naturais e morais expressos na Bíblia não podem ser ignorados. 4) Não devemos aceitar o ecumenismo religioso (não confundir o diálogo entre denominações verdadeiramente cristãs evangélicas, o que é sadio e necessário). Coexistir com outras religiões sim, mas sem unir-se a elas ideologicamente ou condescender doutrinariamente. Não fazer isso seria vender a consciência cristã. 5) Salvação só em Cristo, conforme ensinado pela Palavra de Deus. 6) O inferno existe e é literal. É um lugar de tormento para os pecadores não-arrepentidos. 7) Devemos rejeitar como opções sadias todo tipo de pecado clarificado nas Sagradas Escrituras” (DANIEL, 2007, 233).

Para Silas Daniel os referidos pontos precisam ser defendidos e seriam inegociáveis para todo cristão evangélico. Partindo de tais falas nos questionamos: seria esta uma visão fundamentalista? Sim. E é por sinal o que afirma o teólogo em sua obra, alegando que no início do século XX o fundamentalismo foi uma resposta as críticas racionalistas oriundas da Europa – que defendiam o que hoje se chama de humanismo secular – de maneira que os cristãos norte-americanos se posicionaram em favor do que Daniel chama de “fundamentos bíblicos” (DANIEL, 2007).

O teólogo entende que atualmente, especialmente por cor conta da mídia, o termo fundamentalismo tornou-se sinônimo de alienação, de radicalismo, de intolerância, de preconceito, de anticientífico, de ódio, etc. Daniel afirma que existem cristãos intolerantes, que deveriam ser chamados de “fanáticos”, pelo fato de não conseguirem conviver com a diferença, mas, no seu entender, haveria uma distinção entre não aceitar a diferença e ter o direito de defender um determinado ponto de vista. Alega também que o fundamentalismo cristão deseja poder propagar as doutrinas cristãs e efetuar uma inserção do evangelho na cultura e na sociedade, onde o evangelho possa ser pregado, e não imposto, respeitando, sobretudo a liberdade de escolha de cada um (DANIEL, 2007).

Com as questões que enfocamos podemos localizar o discurso protestante de se observar/guardar a Escritura Bíblica. Na quarta estrofe do hino “Crer e Observar” identificamos nas frases: “*Resolutos, Senhor, e com zelo e fervor / Os teus passos queremos seguir / Teus preceitos guardar, o teu nome exaltar / Teu querer temos gosto em cumprir*” as ideias de cumprir e preservar preceitos não como uma obrigação de fazer, mas pelo prazer de realizar: “*Teu querer temos gosto em cumprir*”. Um realizar com zelo, fervor e dedicação.

Em sua obra *A Escrita da História*, Michel de Certeau alega que na tradição da teologia reformada o texto é compreendido enquanto diretamente articulado com o Lugar de sua produção, a partir de uma Escrita fiel a Origem, um estar-lá, ligado a um começo que atravessa gerações e sociedades mortais. Um mundo inscrito pelo Poder de um Autor longínquo, uma ausência/presente (CERTEAU, 2007).

No coro do hino, com as expressões “*Crer e observar tudo quanto ordenar / O fiel obedece ao que Cristo mandar*” percebemos que apesar de serem mencionadas as noções de mandamentos e ordenanças o texto estabelece um contrato com aquele que *crê e observa* a Escritura não pela coação, uma vez que se afirma que “*o fiel obedece*”. Questionamos-nos: obedece por que *crê*?

Em sua obra *a Invenção do Cotidiano* Michel de Certeau inicia o seu décimo terceiro capítulo com a seguinte epígrafe: “*Gosto da palavra crer. Em geral, quando alguém diz ‘sei’ não sabe, mas crê*”. Ao longo do capítulo alega que vivemos uma atual queda na cotação das crenças, que existem muitos objetos para crer e escassa credibilidade, a exemplo da polícia, da escola, da saúde, que têm cada vez mais força e menos autoridade, onde a sofisticação da disciplina não conseguiu compensar o desengajamento das pessoas. Contudo, considera a crença não o objeto do crer (um dogma ou um programa), mas um investimento que uma pessoa faz numa proposição, o ato de enunciá-la, uma modalidade de afirmação, de considerá-la verdadeira (CERTEAU, 2003, 277).

E aqui abrimos um parêntese para mencionarmos que seria interessante avaliar certas obras produzidas por escritores que militam em favor do ateísmo, pois alguns buscam converter seus leitores em “crentes” em suas proposições, ou seja, que depositem fé em suas hipóteses.

Assim ao considerar uma proposição como verdadeira, aquele que crê faz um investimento de credibilidade. “Sim eu creio” poderia ser uma sentença para fazer menção à efetividade do crer, um crer que pode significar uma continuidade. O protestantismo, por sua vez é um exemplo de um grupo que permaneceu fiel a prática da crença na Bíblia enquanto referente. E aqui não estamos desconsiderando o fato de os seus praticantes se comunicarem com novos elementos que surgem (a exemplo do cinema, da internet, etc.), ou a emergência de novas denominações evangélicas (ou de grupos que se distanciam significativamente do segmento, construindo uma maneira bem particular de exercer sua espiritualidade). Mas, falamos do fato de que os participantes do protestantismo histórico ao longo dos séculos poderiam ter desconsiderado a Bíblia ou o que alguns teólogos chamam de doutrinas bíblicas fundamentais, que expusemos anteriormente, mas não o fizeram.

Para Ricoeur o ser é agente e testemunha de sua historicidade, portanto devemos estar atentos para o fato de que somos afetados e afetamos a história. Considerando que, apesar de reconhecermos a existência de modificações, a história não é feita apenas de rupturas, mas também de permanências, muitas delas especialmente por meio da linguagem, onde o passado nos chega como uma *herança*. Vozes vindas do passado, e que nos alcançam (RICOEUR, 1997).

E aqui desejamos lançar a hipótese de que os participantes do protestantismo pensam a sua relação com o sagrado na perspectiva de “herdeiros de orientações preciosas presentes na literatura bíblica” (SIC!), noutras palavras consideram-na “o referente” para estabelecerem sua relação com Deus e com o mundo.

Tais maneiras de compreender as noções de herança e de apropriação do ser no mundo podem ser estendidas para outros hinos evangélicos, que apresentam enfáticas posturas teológicas. Ressaltando que muitos fiéis consideram a transmissão desta tradição musical enquanto um legado a ser agenciado, transmitido e preservado.

O segundo hino, “Manso e Suave”, adaptação em português de F. C. B. da Silva está presente no hinário congregacional, o Salmos e Hinos:

Manso e suave eis Jesus nos chamando.
Chama por ti e por mim.
Eis que Ele às portas espera velando.
Vela por ti e por mim.

Vem já! Vem já! Alma cansada, vem já!

*Manso e suave, Jesus, convidando,
Chama: “Vem, pecador; vem!”*

Com paciência, Ele está esperando,
Hoje por ti e por mim.
Oh, não desprezes a quem, convidando,
Chama por ti e por mim!

Correm os dias, as horas se passam,
Passam por ti e por mim.
Trases de morte, por fim, vão chegando,
Tanto por ti e por mim!

Oh, quanto amor que Jesus nos tem dado!
Tanto por ti e por mim!
Seu sangue foi sobre a cruz derramado,
Sim, foi por ti e por mim!
(SILVA, SALMOS E HINOS, 2005, HINO 282)

Nas primeiras frases do hino podemos notar que apesar de o compositor utilizar as palavras manso e suave, o convite tem por continuidade o término do coro com a expressão: “*Vem, pecador; vem!*”. Uma mensagem clara, enfática e muito corrente nos séculos XVIII e XIX, no período dos avivamentos nos EUA, em especial nas campanhas de evangelização, tanto nos sermões, quanto nas canções, que tratavam das ideias de pecado, graça e redenção. Uma prática também muito comum fora a dos acampamentos com cultos de cunho emocionalista, Hustad chega a afirmar que pessoas literalmente caíam no chão, nas suas palavras, pela “*convicção do pecado*”. Ressaltando que o hino Manso e Suave é uma composição do século XIX (HUSTAD, 1986, 148).

O teólogo Bookman alega que o apóstolo Paulo no livro de Romanos demonstra que os homens estão condenados pelo pecado. Todos os seres racionais seriam confrontados com a verdade, pela criação, o universo físico, e pelo universo moral, pela consciência, pela Escritura bíblica e os que rejeitam detêm a verdade pela injustiça. Tornando-se necessário o “novo nascimento”, ou seja, ser transformado, abandonar as suas vontades, que significaria viver conforme a proposta das verdades bíblicas (BOOKMAN, 2004).

Perguntamo-nos: e por que esta preocupação como pecado? A resposta seria: por conta do discurso da Escritura bíblica de que o pecado significaria rebelião contra

Deus, desobediência, errar o alvo, e, portanto algo que causa preocupação para os fiéis, que crêem na mesma como um conjunto de livros escritos por homens que foram inspirados por Deus. Também entendem a Bíblia enquanto “revelação” de verdades para a humanidade, baseados em passagens a exemplo do seguinte trecho: “*Dizia, pois, Jesus aos judeus que nele creram: Se vós permanecerdes na minha palavra, verdadeiramente sois meus discípulos; e conhecereis a verdade e a verdade vos libertará*” (João 8:31,32) (GITT, 2005).

A segunda e a terceira estrofes possuem discursos em comum, que dizem respeito à questão do tempo. No início da segunda estrofe o compositor alega que com paciência Jesus está esperando, e sugere que este convite não seja desprezado. Já na terceira estrofe é alegado que as horas se passam, e passam para a humanidade, que vivenciaria no período em que está na terra a oportunidade da aceitar a proposta do evangelho.

Na quarta estrofe é enfatizado o amor de Jesus pela humanidade, sendo feita menção ao acontecimento da crucificação, ou seja, o episódio “da morte e ressurreição de Cristo pelos pecados da humanidade”, que é inclusive considerada um marco para os participantes do cristianismo.

Com os hinos que analisamos neste artigo pudemos demonstrar como certos discursos doutrinários e teológicos são enfatizados por teólogos, e, como eles também são autorizados pelos fiéis, uma vez que estes continuam cantando os mesmos, quer seja em âmbito particular, ou coletivamente em suas igrejas.

No décimo capítulo de sua obra *A Invenção do Cotidiano* Michel de Certeau afirma que até os séculos XVI-XVII a Bíblia é uma Escritura que fala, uma Voz que ensina, um *documentum*, um “querer-dizer” do Deus que espera do ouvinte/leitor um “querer-ouvir”, para assim se ter acesso à verdade (CERTEAU, 2003).

A partir do século XVIII alguns leitores acreditam que este Texto foi abalado por conta das escrituras científicas, eruditas ou políticas. Num esforço das sociedades “modernas” em se redefinirem sem esta Voz. Com a construção da ideia de não existir um Primeiro Locutor surge um problema na linguagem: quem falará? E a quem? E é neste espaço que surge o indivíduo falante, produtor de uma escritura, sendo agora essencial fazer uma linguagem e não apenas mais lê-la. Construir uma ciência, forjar e impor uma língua nacional. Um afastamento do corpo vivido, pois o povo continua

ligado à oralidade e o burguês (hoje tecnocrata) fabrica linguagens. Escrever é um espaço do próprio, gesto cartesiano de construção de um texto que se apropria do espaço exterior, um teatro que representa formalidades práticas (CERTEAU, 2003).

No segmento evangélico o exercício de se escrever acerca das práticas sociais efetivas dos seus fiéis é pouco realizada por seus participantes. Tal lacuna só está sendo suprida atualmente por trabalhos acadêmicos que aos poucos contemplam tais temáticas. Além de deterem-se a preocupações teológicas, teólogos ou fiéis que escrevem livros costumeiramente fazem menção a personagens da literatura bíblica, a atores sociais da reforma protestante, e em alguns poucos casos a figuras que consideram que foram importantes para a propagação do evangelho. Tal maneira de compreender o processo de escrita se reflete inclusive nos títulos de algumas obras, a exemplo de *Colunas Batistas no Brasil* de Délcio Costa, *Vultos da Música Evangélica no Brasil* de Bill H. Ichther, etc. (COSTA, 1964; ICHTHER, 1967).

Possivelmente, por nossa maneira de compreendermos a escrita da história não pretendemos privilegiar vultos, grandes nomes do passado, daí o nosso maior interesse não por biografados, mas pela multidão anônima, temerosos, sobretudo com as supervalorizações de figuras humanas. Com estas afirmações não desconsideramos as potencialidades da História Biográfica, nem mesmo a importância que determinados atores sociais tiveram, mas ao invés de destacar certos nomes optamos por contemplar em nossas pesquisas as diversas ações dos vários tecelões da história. Por tal entendimento não enfatizamos a vida pessoal dos compositores, mas levamos em conta a produção em si, o texto.

Assim ao fazermos menção à escolha que realizamos de iniciarmos a discussão com o conceito de “contexto de usos” do autor Michel de Certeau desejávamos tratar do discurso do qual estamos nos referindo. Pois para um exame interno do *trabalhar* do compositor, desta produção, faz-se necessário precisar “os seus domínios de uso”, examinando suas formas e seus modos de emprego, para compreendermos este texto que reemprega um sistema que não lhes é próprio, mas que vem de longe, a Escritura, que ao mesmo tempo torna-se um elemento o qual outros realizam uma leitura, uma apropriação (CERTEAU, 2003).

É preciso salientar que muitas das composições dos hinos, e especialmente as versões em português, foram realizadas por pessoas que tinham certa formação

acadêmica, teológica e musical, e, portanto tinham consciência de seu lugar de fala, sabiam o que estavam produzindo. Com este comentário desejamos aludir ao fato de que a composição, e aqui falamos dos hinários, é o espaço do *próprio*, da mesma forma que o regente e o pianista ou organista, que são o lugar de *estratégia*. Já a maneira como o fiel se relaciona com o hino é o espaço da astúcia, da apropriação, o não-lugar.

Avaliando a noção de *herança* do autor Paul Ricoeur, que discutimos anteriormente, vemos que no processo de interpretação do passado o interpretante nunca é totalmente inovador, estando também na condição de herdeiro, e assim um ser-afetado-pelo-passado. Assim, os rastros deste passado são vozes que alcançam o presente, conteúdos que se auto-apresentam. Acontecimentos que ultrapassam a memória individual e atravessam a distância temporal. Compreensões que são muito oportunas para serem empregadas no estudo do protestantismo.

Trazendo tais questões para nossa pesquisa podemos perceber o quanto o passado afeta o presente, pois ao frequentar, ou participar de uma igreja ligada ao protestantismo histórico o ser entra em contato com uma herança musical, uma herança teológica, etc., onde independente de sua vontade o “ser” é afetado por um *texto* que chega a ele, que passa a estar na condição de herdeiro de uma verdade que lhe alcança.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

1. Fontes Impressas

BÍBLIA Sagrada. Rio de Janeiro, editora, 1995.

Hinário Evangélico. Com antífonas e ritual. 3 ed. São Paulo: Imprensa Metodista, 1981.

Salmos e Hinos. 5 Ed. Rio de Janeiro: UNIGEVAN Editora, 2005.

2. Bibliografia

BOOKMAN, Douglas. **Maravilhosa graça: estudo do livro de romanos**. Porto Alegre: Actual Edições, 2004.

BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**: Europa, 1500-1800. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. 2 Ed. 3ª Reimpressão. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

_____. **A Invenção do Cotidiano**. 1. Artes de fazer. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

COSTA, Dêlcio. **Colunas Batistas no Brasil**. Casa Publicadora Batista: Rio de Janeiro, 1964.

DANIEL, Silas. **A sedução das novas teologias**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

DUNSTAN, J. Leslie. **Protestantismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1964.

BOOKMAN, Douglas. **Maravilhosa graça: estudo do livro de romanos**. Porto Alegre: Actual Edições, 2004.

GITT, Werner. **Perguntas que sempre são feitas**. 2 ed. Porto Alegre: Actual Edições, 2005.

HILL, Christopher. **A Bíblia Inglesa e as Revoluções do Século XVII**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

HUSTAD, Donald P. **JUBILATE!** A música na igreja. São Paulo: Vida Nova, 1986.

ICHTHER, Bill H. **Vultos da Música Evangélica no Brasil**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1967.

MAFRA, Clara. **Os Evangélicos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa** – Tomo III. Campinas: Papirus, 1997.